

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA – UFPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MERCIA DE OLIVEIRA VITORINO

UMA REFLEXÃO SOBRE O OLHAR DAS PROFESSORAS DO
PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DA
LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

JOÃO PESSOA – PB

2021

MERCIA DE OLIVEIRA VITORINO

UMA REFLEXÃO SOBRE O OLHAR DAS PROFESSORAS DO
PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DA
LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso que apresenta à
Coordenação do Curso Pedagogia do Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Licenciatura Plena.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Idelsuite de Sousa Lima

João Pessoa – PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V845r Vitorino, Mercia de Oliveira.

Uma reflexão sobre o olhar das professoras do primeiro ano do ensino fundamental acerca da literatura infantil em sala de aula / Mercia de Oliveira Vitorino. - João Pessoa, 2021.

51 f.

Orientação: Idelsuite de Sousa Lima.

TCC (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Professoras - posicionamento. 2. Literatura infantil. 3. Ensino fundamental. I. Lima, Idelsuite de Sousa. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37-051(043.2)

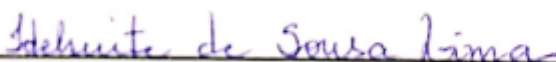
MÉRCIA DE OLIVEIRA VITORINO

UMA REFLEXÃO SOBRE O OLHAR DAS PROFESSORAS DO PRIMEIRO ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE
AULA

Trabalho de Conclusão de Curso que apresenta à Coordenação do Curso
Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como parte
dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura Plena.

Data: 22.06.2021

Banca Examinadora



Prof^a. Idelsuite de Sousa Lima - Orientadora

Prof^a. Maria Margareth de Lima - Examinadora

Prof^a. Cláudia Maria de Lima - Examinadora

JOÃO PESSOA

2021

DEDICATÓRIA

Se hoje estou aqui não posso agradecer a outra pessoa se não a mais importante da minha vida, minha querida mãe.

Este trabalho é dedicado a você que me encorajou, apoiou e incentivou a concluir esse capítulo da minha trajetória. Você enxergou em mim algo que nem eu enxergava, você me conhecia mais que eu mesma, você sabia o quanto eu seria realizada tomando esse caminho e desde o início foi a coluna que me sustentou nessa caminhada, dando-me força quando eu pensei em desistir e dando todo o suporte que podia. Quando você se foi, tudo perdeu o sentido e foi difícil seguir em frente, mas mesmo não estando mais presente, sua lembrança continuou me impulsionando a continuar. Se não fosse por você eu não teria conseguido. Obrigada mãe! É tudo para você e por você. Esse sonho é nosso!

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, por me dar força nos momentos de maior dificuldade, colo quando mais precisei e perseverança para continuar nessa caminhada quando eu duvidei de mim mesma.

Ao meu esposo por todo o apoio de sempre, principalmente durante a construção desta pesquisa, e por todas as palavras de incentivo, eu sei que não foi fácil.

De modo especial ao meu querido pai por todo o seu carinho e zelo comigo, hoje mais que nunca agradeço por sua vida.

Aos professores que fizeram parte da minha caminhada acadêmica e que de algum modo contribuíram para a minha formação, em especial à professora Idelsuite por toda a sua compreensão e por não desistir de mim, o meu muito obrigada.

Às professoras que dispuseram de seu tempo para participar desta pesquisa neste momento tão delicado que vivemos.

Por fim, às minhas amigas que se mantiveram firmes me apoiando, me ajudando e segurando “as pontas” nos momentos de exasperação.

“É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.”

(ABRAMOVICH, 2008, p. 16).

RESUMO

A literatura infantil é uma forma de arte e por ela a criança é capaz de desenvolver aspectos sociais, emocionais e cognitivos, além de aguçar sua imaginação, criatividade e o pensamento crítico por meio da ludicidade. Reconhecendo essa afirmação e buscando conhecer melhor este universo realizou-se uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa de caráter exploratório, que utilizou o questionário como instrumento de coleta de dados e teve o propósito de analisar o posicionamento das professoras do primeiro ano do ensino fundamental acerca da literatura infantil em sala de aula. Analisar o posicionamento das professoras acerca da literatura infantil Teve como apoio os estudos de Abramovich (1999); Bettelheim (2019); Coelho (1966); Soares (2011); Sorrenti (1995), entre outros. Constatou-se com base nos dados obtidos que a literatura infantil é empregada regularmente pelas professoras, porém em seus planejamentos a mesma ocupa um lugar secundário servindo como apoio para trabalhar conteúdos pré-definidos; os recursos disponibilizados pela escola são escassos, assim como o apoio fornecido por ela para impulsionar o trabalho das professoras para com a literatura.

Palavras-chave: Compreensão das professoras. Literatura infantil. Ensino Fundamental.

RESUMEN

La literatura infantil es una forma de arte y a través de ella los niños pueden desarrollar aspectos sociales, emocionales y cognitivos, además de agudizar su imaginación, creatividad y pensamiento crítico a través del juego. Reconociendo esta afirmación y buscando comprender mejor este universo, se realizó una investigación de campo con enfoque exploratorio cualitativo, que utilizó el cuestionario como instrumento de recolección de datos y tuvo como objetivo analizar el posicionamiento de los docentes de primer año de primaria sobre la literatura infantil en México. el aula, desde cómo se utiliza, su finalidad y qué recursos se utilizan. Fue apoyado por estudios de Abramovich, 1999; Bettelheim, 2019; Coelho, 1966; Soares, 2011; Sorrent, 1995, entre otros. Con base en los datos obtenidos, se encontró que la literatura infantil es utilizada habitualmente por los docentes, pero en su planificación ocupa un lugar secundario, sirviendo de apoyo para trabajar con contenidos predefinidos; los recursos que pone a disposición la escuela son escasos, así como el apoyo que brinda para impulsar el trabajo de los docentes con la literatura.

Palabras clave: Comprensión de los profesores. Literatura infantil. Primer año de primaria.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONCEITUANDO A LITERATURA	15
2.1 Literatura infantil	16
2.2 A literatura infantil no ambiente escolar.....	19
2.3 O perfil leitor	24
2.4 Contação de histórias	26
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	29
4. A LITERATURA INFANTIL PELO OLHAR DAS PROFESSORAS.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES	51

1. INTRODUÇÃO

É comum encontrar a descrição para a literatura determinada como a “Arte de escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. Conjunto das produções literárias de um país, de uma época. Profissão de homem de letras: dedicar-se à literatura.” (LITERATURA, 2021).

A literatura é uma forma de arte que faz uso das palavras. Ela está presente em todas as civilizações desde o início dos tempos, de tribos distantes até às cidades mais habitadas, desde relatos orais até os livros que conhecemos hoje.

De acordo com a quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural, 4,6 milhões de pessoas deixaram de ser leitores entre os anos de 2015 e 2019, considerando leitor aquele que leu um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses. Esse número é muito preocupante levando em consideração outro dado também obtido na pesquisa indicando que “um a cada três entrevistados, o equivalente a 34%, disse que alguém o estimulou a gostar de ler”. Logo, o ato de ler provoca em quem o presencia o sentimento de curiosidade e fomenta uma vontade de também fazer parte desse mundo leitor.

Geralmente o primeiro contato do ser humano com o mundo literário ocorre antes mesmo que a criança adentre ao ambiente escolar, frequentemente dá-se no primeiro momento de forma oral, por meio da contação familiar de histórias e só depois pelo manuseio de portadores textuais em suas formas mais diversas. É neste momento que o imaginário infantil é apresentado a um mundo de fantasia, onde muitas vezes a criança encontra conforto para conflitos internos ocasionados pelo amadurecimento físico e cognitivo pelo qual a mesma passa.

Esse conforto ocorre pela sensação de identificação e proximidade que a criança tem com o mundo fantasioso. Ouvir histórias com determinadas situações e personagens aguça a curiosidade e expande o vocabulário infantil, além de possibilitar várias formas de trabalho contendo expressão criativa, corporal e artística.

Considerando a potencialidade da literatura infantil, a escola lança mão deste recurso para potencializar as atividades lúdicas na sala de aula. Essa utilização possibilita a inserção da criança em temas variados que muitas vezes

não fazem parte do seu cotidiano. Isso ocorre de forma espontânea impulsionada pelo estímulo do desejo de explorar e viver novas aventuras e varia de acordo com a história contada que pode despertar o interesse da criança pelo prazer proporcionado na leitura deleite.

De modo geral, em escolas ou Centros de Referência em Educação Infantil (CREI) há livros, porém, na maioria das instituições, em quantidade limitada e há situações bem corriqueiras como a utilização equivocada destes livros, o que gera dúvidas sobre o modo como a literatura é apresentada e utilizada no ambiente escolar.

Em algumas escolas há um investimento para garantir um acervo de livros, mas há também um excessivo zelo para que estes se mantenham sempre novos e sem marcas de uso, servindo apenas de mera decoração sem significado real. Neste ponto é válido questionar o porquê disto ocorrer em tantas instituições e o que está por trás dessa ideia. Essa atitude passa a impressão de que os livros funcionam como uma espécie de “enfeite” para a instituição, servindo apenas para encher os olhos de quem vê, encantando seus visitantes.

Em outras instituições há o livre manuseio dos livros infantis pelas crianças e embora este seja um momento de interação importante, há escolas que usam os livros apenas como um mero brinquedo, sem que antes haja um momento de conversa e informação sobre quem escreveu o livro, quem fez as ilustrações, do que trata a narrativa e sobre como explorá-lo da melhor forma possível, conscientizando a criança de que o livro é um objeto cultural.

Um direcionamento no momento da leitura é importante, no que diz respeito a escolha da história em algumas ocasiões o professor pode mediar a atividade propondo leituras que julga pertinentes ao desenvolvimento da criança, porém é de igual importância situações de escolha livre, pois a criança também precisa de autonomia para escolher a que lhe é mais significativo. Quanto ao cuidado para com o livro deve-se explicar as partes que o compõe e que o mesmo pode ser representado através de inúmeras formas. Isso ocasiona um melhor aproveitamento do tempo destinado a essa atividade tornando-a prazerosa e não uma mera forma de preencher um “tempo livre” no planejamento pedagógico.

Ocorrem também situações em que o livro é tido como um simples recurso pedagógico, onde é utilizado como intermediário dos processos de ensino-aprendizagem, um meio para introduzir e/ou trabalhar conteúdos pertencentes a

um planejamento. Desta forma retira-se toda a magia existente na literatura, que deixa de ser um gerador de encantamento proporcionadora de momentos prazerosos que estimulam a leitura deleite para se tornar apenas parte de um conteúdo programático.

A partir da problemática exposta acima, surgiu o questionamento que deu sentido a este trabalho: como as professoras entendem a presença da literatura infantil na escola?

Para responder a esta pergunta os objetivos da pesquisa foram:

OBJETIVO GERAL:

Analisar o posicionamento das professoras acerca da literatura infantil.

ESPECÍFICOS:

- Identificar a concepção das professoras acerca da literatura infantil;
- Investigar como as professoras utilizam a literatura infantil em sala de aula;
- Identificar as abordagens realizadas pelas professoras para trabalhar a literatura infantil com as crianças.

A realização da pesquisa que compõe esse trabalho foi idealizada com o propósito de buscar compreender como o estímulo à literatura vem sendo realizado nas escolas e como estão sendo formados os nossos futuros leitores. Esse questionamento surgiu de inquietações que foram despertadas no decorrer do percurso formativo e nas vivências proporcionadas pelos estágios supervisionados onde foi possível obter um pequeno mapeamento da rotina escolar vivida em escolas e CREIs. Nesses breves momentos de observação foi possível contemplar situações diversas de interações entre as crianças e a literatura.

Sabendo que é na infância que a criança começa a formar sua personalidade se faz necessário que o estímulo ao conhecimento da literatura e todo o seu mundo de possibilidades seja apresentado ao aluno de forma leve e prazerosa para que assim ele possa desenvolver em si o sentimento de proximidade e prazer pelos livros e do mesmo modo possa fazer com que tal sentimento o acompanhe ao longo da vida.

Pessoalmente há uma imensa curiosidade a ser sanada quanto à rotina literária adotada pela escola, como ela é pensada, como ela é posta em prática e quais dificuldades enfrentadas pelos professores para realizar tal feito dentro do ambiente escolar. Olhar mais de perto para essas questões permite repensar o próprio fazer pedagógico de quem pesquisa e pretende oferecer a mesma experiência aos seus leitores.

Lançar o olhar sobre essa temática permite refletir sobre qual perfil de leitor estamos formando em nossas escolas, o que pode ser trabalhado de forma diferente e o que já é realizado de modo satisfatório.

Aos alunos do curso de pedagogia aqui se oferece uma pequena amostra sobre o que as professoras dizem da vivência literária proporcionada às crianças em sala de aula e a partir dessa observação formar e questionar suas ideias de trabalho acerca da literatura.

2. CONCEITUANDO A LITERATURA

Esta pesquisa tem como base os estudos de Abramovich (2008) que destaca ser “importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. (ABRAMOVICH, 2008, p. 16).

É ouvindo histórias que o ser humano passa a desenvolver conexões com as coisas e com as pessoas que estão ao seu redor. O ato de ouvir prepara a criança para inúmeras situações que acontecem na vida adulta além de desenvolver em si o gosto pelo ato de ler.

Em um dos estudos mais antigos, porém ainda utilizados para definir a literatura, Aristóteles fala que a literatura é posta como uma forma de arte e esta, por sua vez, é definida como uma forma de imitação. Para justificar esse pensamento, o autor diz que “o imitar é congênito do homem (e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador e por imitação, aprende as primeiras lições)” (ARISTÓTELES, 2011, p. 1448),

Ainda em consonância com Aristóteles, a literatura como arte é um campo de livre criação que faz uso da imitação da vida em seu processo criativo/construtivo e permite sua imitação por parte dos leitores que aprendem durante seu processo de leitura.

De acordo com Aristóteles (apud COELHO, 1980, p.37) na literatura predominam três gêneros intitulados de: lírico, narrativo e dramático. Cada um destes, por sua vez, é dividido em subgêneros que possuem características próprias. O gênero mais presente na literatura infantil é o narrativo, este é subdividido em: romance, novela, conto, epopeia ou poesia épica, fábula, crônica e ensaio. Dentro deste gênero a história é contada por meio do relato de uma sequência de fatos que compõem a sua narrativa.

Para conhecer melhor o universo da literatura infantil foi necessário um debruçar sobre essa temática, aprofundando a pesquisa no universo das histórias

infantis e suas muitas contribuições para o desenvolvimento da criança, este ponto da pesquisa será abordado no próximo tópico.

2.1 LITERATURA INFANTIL

Neste estudo é relevante compreender que a literatura infantil, antes de qualquer característica que possa lhe ser atribuída é puramente literatura e por isso também é arte. Cagneti (1996 p.7) afirma que:

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996 p.7)

Partindo dessa afirmação é possível dizer que a literatura infantil também é uma forma de arte e como arte é linguagem, conhecimento, comunicação e uma forma de expressão criativa porque conta com representações fantasiosas do mundo real permitindo assim maior identificação das crianças com as histórias ouvidas para que lancem olhar sobre o mundo ao seu redor, partindo da perspectiva do autor e de suas próprias conclusões sobre o que é ouvido.

Seguindo essa mesma lógica, Abramovich afirma:

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 2008 p.14)

Esse relato pessoal fortalece a ideia de que o prazer pela leitura começa a ser cultivado ainda durante a primeira infância do indivíduo. De acordo com a autora, esse sentimento de deleite desenvolvido na criança tende a perdurar durante toda a sua trajetória de vida, colaborando assim para a formação do futuro adulto leitor.

O primeiro contato do indivíduo com textos ocorre informalmente no seio familiar através da oralidade ouvindo histórias contadas ou inventadas, às vezes

ainda dentro do ventre materno, que quando embaladas por familiares estabelecem uma relação de proximidade com quem conta e com o que é ouvido.

O estímulo ao ato de ler pode acontecer desde a primeira fase da vida ainda em casa. É por meio dos pais que as crianças tendem a começar a desenvolver o próprio interesse na leitura. Essa assertiva efetiva-se na seguinte afirmação: "... é tão importante o papel de quem convive com a criança, pois é, sobretudo, através do afeto que a criança se desenvolve e aprende" (SILVA, 1994, p. 12).

Ouvindo a voz de pessoas próximas a criança começa a princípio a desenvolver o gosto pelo som das palavras ao ouvir histórias e só então posteriormente cria uma relação de afeto com os livros, suas imagens e significados criando assim uma relação de prazer entre o leitor e a literatura.

Esse processo de construção do leitor é longo, ocorre de forma gradativa e por esse motivo o comportamento dos pais como leitores influencia diretamente no desenvolvimento do entusiasmo dos filhos pela literatura como forma de prazer. Segundo Sorrenti, "a leitura precisa ser vista com os olhos do prazer, respondendo as indagações e as necessidades de cada um" (SORRENTI, 1995, p. 22).

Para gerar prazer é preciso encantar e para encantar é preciso que a história toque o ouvinte/leitor de forma pessoal, falando ao seu íntimo, realizando conexões entre sua realidade e a fantasia trazida existente na história, deste modo a criança passa a conhecer o mundo através de perspectivas formadas pela junção do que é ouvido e do que é vivido.

Com o passar dos anos o contato com o universo literário vai se alargando e com a inserção da criança no ambiente escolar o acesso aos livros aumenta significativamente. O professor mediador cria situações favoráveis para contar histórias. Esse ato merece atenção, pois necessita de preparo, conforme afirma Abramovich:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 2008, p.18)

Ao contar uma história o professor apresenta às crianças um novo mundo de palavras, sonoridades de frases e nomes, rimas, ritmo, melodias e etc., por isso é preciso conhecer o livro, sua história e personagens, estar familiarizado a ele para assim passar ao ouvinte o que de fato representa aquela história, sua finalidade, para tal é importante cuidar da entonação da voz e as expressões faciais, esses detalhes complementam a contação de história e faz com que a criança desenvolva um maior interesse pelo que é contado.

Coelho (2000) completa que “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais”. (COELHO, 2000, p.21)

Conhecer a história possibilita ao professor segurança durante a contação, ter domínio sobre o livro permitir que o profissional torne esse momento mais especial do que ele já é, Segundo Abramovich:

Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos Irrita... Assim quando, chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte. (ABRAMOVICH, 2008 p.20)

De acordo com esta autora, o professor como contador de histórias tem a oportunidade de prender o interesse da criança e encanta-la levando-a a vivenciar momentos de prazer proporcionados pelo contato com literatura além de possibilitar o trabalho de inúmeros temas realizando atividades diversas, tudo isso através da literatura.

Abramovich defende que o ato de ler/ouvir histórias desperta na criança a construção do pensamento crítico, porém para obter esse resultado é preciso que a prática com a literatura ocorra de forma ordenada, dinâmica e frequentemente. Isto pode ser comprovado na seguinte afirmação:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o

que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (ABRAMOVICH, 2008, p.143).

O trabalho com a literatura requer planejamento e linearidade para que se possa extrair o máximo da interação da criança com a história. É nessa interação que a mesma desenvolve/amplia sua curiosidade e expande o seu olhar sobre o mundo que a rodeia, suas relações e sentimentos permitindo assim a construção de suas concepções sobre o que é vivido.

Deste modo, o livro além de prender a atenção da criança leva a mesma a se questionar e a questionar fatos/acontecimento presentes na narrativa que para ela são significativos, esse despertar pode ser ocasionado por motivações diversas de acordo com o que mais lhe chama atenção.

Uma história contada às crianças poderá despertar reações diferentes, cada criança responderá de forma única, pois o processo de absorção de informações ocorre de acordo com suas experiências anteriores. A contação de histórias auxilia no processo evolutivo do pensamento das crianças colaborando para a formação da sua personalidade.

Ferreiro; Palacio (1990, p.15) corrobora com esse pensamento ao afirmar que “Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura”.

Essa afirmação valida o entendimento de que a criança é um sujeito, ela chega à escola trazendo consigo uma bagagem de conhecimentos e aprendizados obtidos em sua vida cotidiana.

Por esse motivo as impressões das crianças podem divergir, as reações podem ser positivas ou negativas e independente de qual reação que a criança manifeste é relevante acolher e validar seu sentimento buscando compreender suas motivações para, se necessário, repensar o planejamento pedagógico.

Definido o conceito de literatura infantil, é relevante conhecer como a mesma está presente no ambiente escolar.

2.2 A LITERATURA INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR

A literatura infantil consegue ir muito além de mero entretenimento pueril, contribui direta e indiretamente para a construção da personalidade da criança e a auxilia na resolução dos conflitos oriundos das diversas mudanças físicas, cognitivas e sociais pelas quais a mesma passa nos anos iniciais de sua vida. Segundo Bettelheim, a literatura serve:

Para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2019, p. 11)

Para alcançar tal objetivo a história tem de estabelecer uma conexão entre o leitor e o que é lido/ouvido. Seus personagens e narrativas devem prender a atenção da criança e despertar nela sentimentos de inquietação, curiosidade, conforto e trazer a luz respostas aos seus questionamentos.

A utilização da literatura nas escolas acontece de forma escolarizada. Soares define escolarização como um “processo inevitável, porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui” (SOARES, 2011, p. 5). Desse modo, faz parte da sua organização, do trabalho, disposição dos conteúdos, ordenação de tarefas e da forma como é esquematizado o ensino.

Por essa razão, a escolarização a qual a literatura é submetida tende a ocorrer de forma inapropriada, didatizando a literatura e utilizando-a apenas como facilitadora do ensino de conteúdos. Soares (2011, p.5) aponta que esse processo não atinge só a literatura, mas também outras áreas de conhecimento presentes no percurso educativo das crianças. Isso ocorre a partir do momento que tais conhecimentos passam a integrar a escola, uma vez nela compõem sua rotina e adaptam-se ao ambiente escolar.

Essa escolarização da literatura ocorre em três instâncias definidas por Soares (2011, p. 6) como “a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura, em geral determinada e orientada por professores de Português; a leitura e o estudo de textos, em geral componente básico de aulas de Português.”.

Com o uso exclusivo da biblioteca se institui um ambiente destinado à leitura e limita-se o acesso aos livros a esse lugar específico dentro da escola

onde os mesmos são armazenados e seu acesso ocorre, na maioria das vezes, com tempo determinado em momentos direcionados.

Um ponto também lembrado por Magda Soares sobre a biblioteca é acerca dos procedimentos adotados. A autora afirma:

[...] rituais de leitura constitui estratégia de escolarização da literatura no âmbito da biblioteca - desde as fichas que é preciso preencher e respeitar, até como se deve ler (em silêncio, sem escrever no livro, passando as páginas de certa maneira, não dobrando o livro, etc.) e em que posição se deve ler (sentado adequadamente, segurando o livro de certa maneira, etc.) (SOARES, 2011, p. 7)

Esse modelo comportamental esperado das crianças que costumam frequentar o espaço da biblioteca acaba por transmitir a ideia de um ambiente restritivo onde as individualidades das crianças são postas de lado para que atendam as expectativas dos organizadores do espaço.

É estabelecida uma espécie de modelo de leitor ou de leitura a se seguir dentro desse ambiente, diminuindo assim a liberdade que o momento da leitura deveria proporcionar, tornando o processo em torno do livro burocrático e passível de ser enxergado de modo enfadonho.

O espaço onde ocorre a leitura influencia para que o momento se torne mais profícuo, Nelly Novaes Coelho comenta como deve ser esse espaço:

Hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático), para permitir ao ser-em-formação chegar ao seu *auto-conhecimento* e a *ter acesso ao mundo da cultura*, que caracteriza a Sociedade a que ele pertence. (COELHO, 2000, p.16)

Assim o local destinado à leitura permitiria a criança um momento de experimentação e livre descoberta de novos saberes respeitando a singularidade de cada um com pequenas intervenções do professor apenas quando necessário a fim de auxiliar a criança no momento da leitura para que esta possa aproveitar ao máximo a experiência.

Neste sentido é fundamental que haja uma diferenciação entre os ambientes destinados a atividades relacionadas a leituras programadas, e atividades livres impulsionadoras da leitura deleite.

Sobre leituras planejadas para o estudo de livros de literatura feito por professores Soares (2011, p. 8) ratifica que “a leitura é determinada e orientada, como já foi dito, por professores, em geral os de Português, portanto, configura-se como tarefa ou dever escolar, sejam quais forem as estratégias para mascarar esse caráter de tarefa ou dever”.

A perspectiva passada sobre a leitura de livros nessas circunstâncias foge completamente do sentido do encantamento, do momento de diversão e prazer. Nesse instante, a literatura passa a integrar parte do planejamento com um simples sentido informativo abrindo temáticas relevantes, e/ou avaliativo solicitando uma espécie de comprovação do que foi lido, anulando assim a possibilidade de estímulo à leitura deleite.

Como última instância de escolarização, Soares (2011) aponta a leitura e o estudo de textos, que seriam a transferência de fragmentos de livros de literatura infantil para livros didáticos, algumas de suas afirmações são de extrema importância para a discussão dessa temática.

No quesito gênero literário a autora questiona o empobrecimento da variedade presente nos livros didáticos em geral, frisando a frequente repetição de gêneros:

No quadro da grande diversidade de gêneros literários, há na grande maioria dos livros didáticos destinados às quatro primeiras séries do primeiro grau, nítida predominância dos textos narrativos e poemas, embora estes tenham quase sempre papel secundário e subsidiário; o teatro infantil está quase totalmente ausente; o gênero epistolar, a biografia, o diário, as memórias, gêneros que têm presença significativa na literatura infantil, estão também quase totalmente ausentes. (SOARES, 2011, p. 10)

Os textos acabam perdendo sua essência lúdico-literária que fica em segundo plano, sua história e significado, e passa a servir como base para análise de conteúdos, trabalhados geralmente na disciplina de português.

Pontuando a escolha de textos narrativos ou poemas e autores, Soares (2011) faz uma crítica ao que ela chama de repetição das obras ofertadas, não que estas mais conhecidas de autores consagrados devam ser esquecidas, mas aponta que:

Uma seleção limitada de autores e obras resulta em uma escolarização inadequada, sobretudo porque se forma o conceito de que literatura são certos autores e certos textos, a tal ponto que se pode vir a considerar como uma deficiência da escolarização o desconhecimento, pela criança, daqueles autores e obras que a escola privilegia... (SOARES, 2011, p. 12)

Essa limitação na oferta da literatura limita também a compreensão da criança sobre o que é literatura e sobre o que ela pode se tornar, quanto mais variedades de autores e obras a criança tiver acesso, mais rica será a sua experiência que levará a compreensão do que vem a ser o literário e maior será a probabilidade de que a mesma desenvolva o sentimento de prazer existente na leitura pela leitura.

Muitas dessas obras presentes nos livros didáticos não são transcritas em sua totalidade, frequentemente são utilizados fragmentos das histórias, em sua maioria curtos, que são escolhidos para compor as atividades e são dispostos nas páginas do livro. Soares (2011) reconhece que realizar esse recorte e manter o significado, a coerência do texto, não é uma tarefa fácil visto que uma narrativa é composta de muitas partes que se complementam.

A referida autora comenta essa dificuldade enfrentada:

“a consequência dessa dificuldade é que os fragmentos de narrativas apresentados nos livros didáticos são quase sempre pseudotextos, em que um ou alguns ciclos da sequência narrativa são apresentados, faltando aqueles que os precedem ou os seguem.” (SOARES, 2011, p. 16).

Essa fragmentação do texto disponibiliza apenas parte do todo da história que desse modo acaba perdendo seu real sentido uma vez que apenas parte das informações não é suficiente para compreender o que o autor pretende passar ao leitor. Desse modo, por vezes, perde-se a sequência lógica de acontecimentos, o percurso de personagens ocorrendo assim o enfraquecimento da história.

A autora ainda fala que em uma tentativa de fugir desse trabalho:

[...] muitas vezes são forjados “textos”, na verdade, pseudotextos: o próprio autor do livro didático produz o “texto”, e em geral o faz não propriamente com o objetivo de desenvolver atividades de leitura, mas de ensinar sobre a língua — ensino de gramática, de ortografia; (SOARES, 2011, p. 14).

O autor do livro didático então preenche o espaço que seria destinado a um fragmento de texto literário com um texto de sua autoria com o único propósito de trabalhar a linguagem, pronúncia e escrita, conteúdos como gramática, ortografia e fonética fazendo assim com que a criança passe a desenvolver uma noção equivocada da literatura reconhecendo-a apenas como um meio de estudo neutralizando a essência lúdico-fantasiada.

Refletindo sobre essa escolarização que ocorre com a literatura infantil e reconhecendo sua inevitabilidade Soares (2011) afirma “adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar” (SOARES, 2011, p. 34).

A escolarização com uso da literatura infantil ocorreria então de forma natural proporcionando situações que valorizam e estimulam a leitura de prazer ofertando as crianças variedades de histórias e toda a sua natureza fantasiada e prazerosa que é característica da literatura formando assim o futuro leitor.

Sabendo como a literatura é inserida no meio escolar e as formas de escolarização a qual a mesma é submetida é relevante para o professor o mínimo conhecimento do perfil leitor no qual seus alunos se encontram.

Para tal, trazemos abaixo uma breve elucidação sobre o perfil leitor da criança em diferentes momentos de sua trajetória formativa.

2.3 O PERFIL LEITOR

Após a organização do espaço é de igual importância compreender o estágio psicológico no qual a criança se encontra para que assim a escolha da história ocorra de forma mais assertiva. Coelho (2000, p. 28) divide os estágios em: **Pré-Leitor** (abrange a primeira infância de 15/17 meses aos 3 anos e a segunda infância a partir de 2/3), **Leitor Iniciante** (a partir dos 6/7 anos), **Leitor-Em-Processo** (a partir dos 8/9 anos), **Leitor Fluente** (a partir dos 10/11 anos) e **Leitor Crítico** (a partir dos 12/13 anos). Não é intenção deste estudo aprofundar esta temática, porém é relevante entender minimamente as principais características dos estágios pelos quais a criança passa até chegar no ensino fundamental, o pré-leitor e o leitor iniciante.

No estágio pré-leitor, durante a primeira infância, a criança passa por diversas mudanças, é nesta fase em que começa a desenvolver a linguagem oral e reconhecer o mundo a sua volta identificando objetos, pessoas, situações e necessidades. O estímulo visual a esse impulso natural é de extrema importância para que a criança continue progredindo. A utilização de ilustrações e gravuras de objetos e animais permite que a criança se aproprie do conceito do que está sendo visto. Para Coelho:

O importante, nesta fase, é essencialmente a *atuação do adulto*, manipulando e *nomeando* os brinquedos ou desenhos; inventando situações bem simples que os relacionem afetivamente com a criança, etc. É nessa fase que o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança começa a ter do espaço global em que vive. (COELHO, 2000, p.29)

Aqui os livros-imagens servem bem ao propósito, podem ser feitos de materiais diversos como tecidos, material plástico (usado durante o banho), e papel mais resistente permitindo o seu livre manuseio. Apresentando pouco texto ou nenhum, sua riqueza em gravuras oportuniza a apreciação da criança e a atuação do professor a instigar o desenvolvimento de sua linguagem e alargamento do vocabulário.

Ainda no estágio pré-leitor, porém na segunda infância, passa a ocorrer o início da percepção e consciência do próprio ser, predominam valores vitais (saúde) e sensoriais (prazer ou carências físicas e afetivas). Permanece a utilização de livros munidos de pouco ou nenhum texto permitindo assim a livre apreciação da criança. Coelho fala que:

[...] a presença do adulto é fundamental, quanto a sua orientação a brincadeira com o LIVRO. Aprofunda-se a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem, através das atividades lúdicas. Tudo o que acontece ao redor da criança é, para ela, muito importante e significativo. Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar à criança e apresentar determinadas características estilísticas. (COELHO 2000, p.29)

Nesta idade a criança possui ainda um tempo de concentração diminuto, está se apropriando de seu corpo e necessita de atividades com movimento, o

professor tem o desafio de prender a atenção desta criança utilizando a contação de histórias e posteriormente a dramatização da mesma.

No estágio do leitor iniciante, final da educação infantil e início do ensino fundamental, a criança começa a decodificar os sinais gráficos e compreender que pode interagir com o mundo da escrita sozinho, sem auxílio do adulto, porém o papel do professor como agente estimulador não é anulado, ele permanece com a função de incentivador da leitura.

Segundo Coelho (2000, p.30), “Nesse sentido, um dos melhores incentivos a lhe ser dado é o aplauso ou o estímulo carinhoso a cada uma de suas pequenas “vitórias”.”. Fica assim evidente que uma relação de proximidade, afeto e confiança entre professor-aluno proporciona melhores condições para que esse professor possa auxiliar a criança em seu processo evolutivo como leitor.

Os livros destinados a essa fase devem contar ainda com gravuras em sua maioria e textos curtos compostos de palavras com sílabas simples e frases curtas descrevendo situações com narrativas de fácil compreensão.

Compreendendo essas informações, a seleção do livro que será lido/partilhado pelo professor deve responder alguns questionamentos: Qual a faixa etária da turma? Será uma leitura direcionada ou livre? O que se pretende alcançar com a leitura? Ela deverá despertar discussões ou trará respostas a questionamentos pré-existentes? Responder essas perguntas pode contribuir na hora da escolha do livro fazendo com que esta seja mais assertiva possibilitando um melhor aproveitamento do que é visto/lido pela criança.

Para além da escolha, é de igual importância reconhecer que o modo como se apresenta a história tem muito impacto sobre quem a ouve, portanto abordaremos no tópico a seguir a contação de histórias.

2.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Há muitos anos, antes da invenção da escrita as histórias eram contadas através da oralidade, relatos de eventos ocorridos com um povo, um antepassado, fatos passados de geração em geração com propósito de entreter os ouvintes ou repassar costumes típicos de uma comunidade, essa ação dependente da

memória permitiu a humanidade transmitir conhecimentos formando assim a forma de literatura oral.

O ofício de contar histórias é remoto [...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida (MEIRELES, 1979 p. 41).

Essa prática foi realizada por muito tempo ao redor do mundo como forma de preservar costumes, nos dias de hoje ela ainda perdura, mas com a intenção de entreter os ouvintes contando fabulas, contos, histórias que encantam e prendem a atenção.

Logo, pode-se dizer que o ato de contar histórias sempre esteve presente em todos os momentos da humanidade possibilitando a troca de experiências e uma melhor compreensão de mundo e do que está ao seu redor.

Sobre contos de fadas, Bettelheim (2019, p. 20) afirma que “Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade.”. Não apenas os contos, mas a literatura infantil de modo geral, proporciona a criança infinitas sensações que auxiliam na construção da sua personalidade, possibilitam seu desenvolvimento e colaboram para que a criança lide com seus conflitos espelhando-se nos personagens da história cultivando a ideia de que tudo é possível.

Sobre o ato de contar histórias, Silva (2009) salienta em sua escrita que:

“‘era uma vez, num reino distante...’ - está é a senha, a fórmula mágica que descerra ao leitor ou ao ouvinte as portas de outro mundo, um mundo ambíguo, que atrai e atemoriza. A partir das palavras de encantamento dessa fórmula de abertura, as relações com o real e o plausível são rompidas, e tudo que acontece no plano das ações, por mais extraordinário que pareça, torna-se acreditável: os animais falam, os desejos se realizam, abóboras se transformam em carruagens, uma casa feita de doces se ergue na mata, um sapo asqueroso vira um belo príncipe (SILVA, 2009, p. 68).

É deste modo que a criança é transportada para um mundo diferente onde tudo pode acontecer, basta acreditar e soltar a imaginação para que a criança estabeleça pontes entre a realidade e a fantasia construindo assim sua

compreensão de mundo e seu senso de justiça através da experimentação de sentimentos que são proporcionados durante o ato ouvir/ler histórias, como é bem pontuado por Abramovich:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não brotar)... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2008, p.17)

Vivenciar tais sentimentos através da escuta contribui para que a criança estabeleça uma relação de proximidade com os personagens e assim compreenda melhor suas próprias emoções, é por meio da imaginação que essa relação é desenvolvida.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

O ato de pesquisar é o empenho em compreender determinada coisa lançando sobre ela um olhar pessoal embasado em escritos que possibilitem uma leitura crítica do objeto de pesquisa.

Este trabalho configura-se em uma pesquisa de campo. Para Severino, na pesquisa de campo:

[...] o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos. (SEVERINO 2007, p.107)

Assim a pesquisa de campo tem por finalidade analisar fatos em seu estado puro, do modo que ocorrem no cotidiano compreendendo e explicando o objeto da pesquisa.

Quanto à abordagem, foi definida uma abordagem qualitativa de pesquisa, visto que a mesma possibilita a busca pela compreensão do comportamento dos indivíduos participantes, a partir do estudo de situações reais. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p.17):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem. (DENZIN E LINCOLN 2006, p.17)

Essa abordagem possibilita uma visão interpretativa do mundo considerando de forma significativa a perspectiva dos indivíduos participantes sobre o assunto objeto do estudo a qual se propõe pesquisar realizando uma descrição detalhada e fiel dos fenômenos.

A fim de alcançar esse objetivo, a pesquisa foi realizada em caráter exploratório, coletando dados relevantes para caracterização do problema. De acordo com Severino (2007, p.107) “A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.”.

Deste modo seu propósito é unicamente investigar sobre o objeto da pesquisa e assim expor os resultados obtidos servindo uma avaliação científica sobre o tema com base em autores relevantes ao tema pesquisado.

A construção deste trabalho se deu em meio a um cenário de pandemia mundial ocasionada pela propagação de um novo coronavírus causador de infecções respiratórias responsáveis por desencadear uma doença intitulada COVID-19, o que exigiu medidas de segurança contra o alastramento desta doença e se fez necessário manter o distanciamento social.

Para se aproximar ao máximo dessa realidade e levando em consideração o momento histórico de pandemia vivido pela sociedade e a impossibilidade de contato pessoal, a coleta de dados ocorreu de forma online e o instrumento de coleta escolhido foi o questionário enviado elaborado através da ferramenta Google Form.

Severino (2007, p.109). define o questionário como uma técnica de pesquisa e fala ainda que é um “Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.”

O questionário possibilita a obtenção de informações mediante a disponibilização de perguntas previamente estabelecidas que por sua vez permitem a quem responde a possibilidade de realizar essa ação de forma anônima, tranquila e sem tempo pré-determinado, logo os sujeitos detêm o poder de determinar quando e como realizarão a resposta dessas perguntas.

O questionário foi elaborado em duas partes, a primeira teve como foco traçar o perfil dos sujeitos, grau de instrução, tempo de sala de aula e turma na qual leciona atualmente. A segunda parte foi elaborada contendo 11 perguntas abertas que permitiram a livre expressão das ideias dos sujeitos acerca de sua prática pedagógica referente à literatura. Este questionário foi respondido por quatro professoras atuantes no 1º ano do ensino fundamental da rede pública de

ensino da cidade de João Pessoa. A escolha de professoras do 1º ano foi definida pelo sentimento de curiosidade e identificação existente entre a pesquisadora e a educação infantil, por curiosidade e vontade de expandir o olhar sobre o trabalho com literatura anos iniciais do ensino fundamental, o que proporcionou momentos de aprendizagem tamanha.

O contato com as professoras ocorreu unicamente através do aplicativo de mensagens Whatsapp. Iniciado o contato, as mesmas receberam um breve relato apresentando a temática da pesquisa e logo após o arquivo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que pudessem realizar a sua leitura e impressão e pelo mesmo aplicativo retornar o mesmo assinado no formato de PDF.

Após assinarem o termo e realizarem o retorno foi enviado o link de um questionário sobre a concepção das professoras quanto ao tema objeto desta pesquisa que ficou disponível na plataforma Google Forms.

A análise de dados ocorreu tomando por base o método da análise de conteúdo desenvolvido por Bardin (1977). Esta autora estabeleceu três fases para a organização da análise de resultados: a pré-análise é a primeira etapa e ocorre imediatamente após a coleta de dados, serve para organizar o que foi coletado e verificar dentro desses dados o que de fato poderá ser utilizado na pesquisa; a exploração do material; o segundo momento é composto pela codificação e categorização do material fazendo uso de palavras chave que nortearam a organização dos dados; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, este vem a ser o último passo dentro da análise. Nele é realizada a interpretação das respostas por meio de inferência que, para Bardin (1977, p. 133) quer dizer “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor.”.

Esta pesquisa apoiou-se na mensagem passada pelos sujeitos ao responder as questões propostas.

4. A LITERATURA INFANTIL PELO OLHAR DAS PROFESSORAS

Neste capítulo será realizada a análise das respostas dadas ao questionário respondido pelas professoras, tomando por base os textos que orientaram a construção desta pesquisa.

A primeira parte do questionário fez um levantamento sobre formação, anos de experiência e turmas em que as professoras participantes da pesquisa lecionam. De acordo com os dados obtidos todas as professoras detêm ensino superior completo, uma delas possui também uma especialização na área da educação. Estão atualmente atuando em turmas de 1º ano do ensino fundamental em escolas municipais diferentes. Uma leciona a dois anos, três profissionais possuem entre 10 e 13 anos de experiência em turmas dos anos iniciais,

Para dar início a segunda fase do questionário, foi realizada a seguinte pergunta: **Qual a importância da literatura infantil para as crianças?** As professoras responderam:

Professora A: “Aguçar seu imaginário, aprender a ouvir e criar pensamento crítico”.

Professora B: “A literatura infantil é a forma mais lúdica e criativa de se chegar ao imaginário da criança, estimula a oralidade, a criatividade, o faz de conta, a releitura, a curiosidade, senso crítico entre outros fatores”.

Professora C: “É importante, pois proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo e através de uma história que se pode descobrir outros lugares, o mundo da imaginação e formar um bom leitor”.

Professora D: “A literatura infantil tem um papel muito importante na alfabetização. As histórias infantis levam as crianças a um mundo da imaginação e os instiga no prazer pela leitura”.

Todas as professoras concordam que literatura infantil possui uma ligação direta com o imaginário das crianças. As respostas possuem semelhanças neste quesito onde ambas acreditam na potência lúdica da literatura.

Para a professora A, além do imaginário, a literatura também ajuda com o trabalho de escuta das crianças, outro ponto lembrado é o auxílio na construção do pensamento crítico das mesmas. Neste quesito, a professora B concorda e completa indo mais a fundo, expondo a colaboração no desenvolvimento da oralidade infantil, expandindo seu vocabulário e estimulando a linguagem oral enquanto incita seus instintos criativos.

Um ponto abordado pelas professoras C e D foi que a literatura infantil estimula o prazer obtido durante a leitura, fazendo com que a criança vá se tornando um leitor assíduo, a professora C aponta ainda a contribuição da literatura no desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Esta fala vai ao encontro do que Bettelheim (2019) defende. Para este autor as histórias devem auxiliar a criança em sua evolução intelectual e na compreensão de suas emoções trazendo “soluções para os problemas que a perturbam” (BETTELHEIM, 2019 p. 11), problemas esses oriundos do amadurecimento infantil.

A resposta da professora D chamou atenção para o apoio fornecido pela literatura durante o processo de alfabetização de suas crianças. Ainda que afirme que as histórias infantis conduzem as crianças ao mundo da imaginação, reconhecendo a força do encantamento que faz parte do mundo literário, atribui a ela outro sentido que é o papel da mesma na alfabetização. Essa resposta apresenta uma visão mais escolarizada ou utilitarista da literatura, como sendo um recurso alfabetizador.

Conforme Soares (2011, p. 10) “A leitura e estudo de livros de literatura escolariza a literatura também por diferentes estratégias”. Logo, toda ação que foge do ato de “ler por ler” atribui à literatura uma sensação de obrigatoriedade da atividade fazendo com que a criança reconheça a literatura como parte de uma tarefa escolar.

Ao perguntar às professoras **De que modo você utiliza a literatura infantil em suas aulas**, as respostas foram as seguintes:

Professora A: “Em leitura deleite, roda de leitura, reconto de história na visão da criança, entre outros”.

Professora B: “Na contação de história, relatos das histórias que os alunos conhecem, vídeos, relatos com desenhos”.

Professora C: “No momento, em contação de histórias”.

Professora D: “Sempre trabalho com leitura na sala de aula. Nas acolhidas, início das aulas, com apresentação teatrais, com momentos de leitura deleite em círculo, para trabalhar leitura e interpretação e etc.”.

A professora A cita a leitura deleite e a roda de leitura. Estes relatos demonstram um trabalho que incentiva a liberdade da criança quanto a escolha do que vai ser lido e também possibilita momentos de troca de experiências entre as

crianças onde as mesmas exercitam a ação de contar histórias podendo adicionar seu olhar pessoal sobre elas conforme citado.

Para a professora B a utilização da literatura ocorre através da contação de histórias e o reconto feito pelas crianças de histórias já conhecidas. Em sua fala não fica claro se a atividade da contação de histórias é realizada apenas pela professora ou se abrange os alunos. Estes são incluídos em seu relato ao dizer que os mesmos realizam atividades de reconto e representações ilustrativas do que é ouvido. Essa prática possibilita o estímulo a criatividade da criança e a livre expressão de seu imaginário.

Já a professora C menciona apenas a contação de histórias como forma de utilização da literatura. Nesta situação a resposta indica que a professora está presa a uma única metodologia de trabalho deixando escapar pequenos detalhes que podem transformar o momento da literatura em algo mágico.

Em seu relato a professora D cita a realização de leituras em sala para iniciar a aula, também sinaliza a utilização de apresentações teatrais como recurso para a contação de histórias, momentos de incentivo a leitura deleite e o uso de textos literários como mecanismo para a interpretação textual. É válido salientar a infinidade de possibilidades disponíveis na interpretação das histórias, a criança trabalha com seu corpo “vestindo-se” de um personagem usando de criatividade para representar situações específicas descritas na história e socializando com seus colegas de forma leve e descontraída. Em seu último ponto fala sobre utilizar a literatura para trabalhar aspectos de leitura e interpretação textual, voltando a uma ideia de utilização da literatura com objetivo de escolarização, o que limita o alcance da literatura como deleite e que não extrai das histórias toda a sua potencialidade.

Outro aspecto questionado foi: **Que critérios você utiliza para escolher livros para contar histórias para as crianças?** São as seguintes as respostas dadas pelas professoras:

Professora A: “Ilustrações, textos engraçado e textos do cotidiano”.

Professora B: “Livros com bastante ilustrações, personagens divertidos, histórias com uma mensagem positiva e reflexiva sobre situações simples mas importantes do nosso cotidiano”.

Professora C: “Faz parte da rotina e planejamento pedagógico”.

Professora D: “Livros com leituras e palavras adequadas pra a idade e nível de aprendizado da turma. Também que a história se adeque ao conteúdo que quero trabalhar”.

Para as professoras A e B o livro deve abordar situações já conhecidas pelas crianças, ter boas ilustrações e um viés cômico. De acordo com Abramovich (2008, p. 41) escolher as ilustrações vai além de observar a qualidade do desenho e as imagens devem então:

“... não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão, onde não haja falsas e tolas correspondências, mas descobertas de toda a sedução encoberta, da beleza e sabedoria reveladas, de padrões que não são os dos países chamados desenvolvidos.” (ABRAMOVICH 2008, p. 41)

O cuidado com as ilustrações deve ser levado em consideração, porque a imagem também é texto e para crianças de pouca idade que leem as imagens em primeiro lugar, muitas vezes uma figura transmite toda a mensagem da história e uma percepção equivocada pode fortalecer conceitos que, com a ajuda da escola devem ser extirpados.

Portanto, é necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leituras para que além dos fascínios das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens.

Sobre a comicidade, Abramovich (2008, p. 64) afirma que humor “não é ficar rindo de bobeira pura. É muito mais...” é ver as situações corriqueiras com outros olhos, dar sentidos diferentes a momentos cotidianos.

Em sua resposta a professora C cita apenas que este ato faz parte de sua rotina de planejamento pedagógico. Esse discurso transparece a forma mecânica com a qual a escolha de livros para sua turma ocorre.

A professora D expõe que sua escolha é pautada na disposição de palavras que julga ser apropriadas para a faixa etária de sua turma e que atenda a necessidade do planejamento. Alguns aspectos como a distribuição de imagens, o tipo de narrativa, o humor, as características dos personagens, a estruturação do texto acabam esquecidos pela professora e fazem muita diferença na apreciação da história.

Assim em sua resposta a professora aparenta conhecer algumas características do perfil leitor no qual as crianças de sua turma se encontram, busca escolher livros com palavras de fácil entendimento, porém outros fatores não fazem parte da sua escolha. Sua afirmação de que a história possui o dever de complementar o planejamento acaba por deixar de lado outras atividades de oferta literária que impulsionem a livre escolha da criança.

Seguindo o questionário, foi perguntado, **Como você costuma contar histórias?** As respostas obtidas foram:

Professora A: “Diversificando o ambiente e buscando mudar o tom de voz dando a emoção que a história dispõe”.

Professora B: “Primeiro gosto que os alunos explorem o livro observando as imagens, depois elas imaginam e opinam sobre o que elas acham que vai acontecer na história, pra depois na rodinha ouvir com atenção a história contada dando entonação, ou usando fantoches, deboches e etc.”.

Professora C: “Hoje, por vídeos, por causa da pandemia”.

Professora D: “Com uma boa entonação, mostrando as imagens, em alguns momentos com fantoches ou palitoques, em círculo no chão na sala de leitura e outras formas que ajudem a manter a concentração dos alunos na contação”.

As professoras A, B e D reconhecem que a forma de contar histórias é importante para que esse momento se torne mais deletável, informam que buscam através da entonação transmitir a história que está sendo contada de forma mais fiel e atraente. Essa prática é afirmada por Abramovich (2008, p.18) “Contar histórias é uma arte... [...] Ela é o uso simples e harmônico da voz.”. O professor empresta sua voz ao personagem que está narrando, sua interpretação possui um valor imenso, muitas vezes é o único recurso de que o professor dispõe e com ele já é capaz de encantar a todos os ouvintes.

Outro ponto citado pelas professoras B e D são os instrumentos usados para atrair e prender a atenção das crianças no momento da contação. Elas apontam a utilização de fantoches, dedoches e palitoques, estes recursos se bem utilizados agregam muito ao momento da contação atribuindo maior ludicidade ao ato.

A professora D complementa ainda mencionando a existência de uma sala específica destinada à leitura. O ambiente pode influenciar de forma positiva a

atividade, dispor de um lugar pensado exclusivamente para a partilha da literatura é algo sublime, porém é possível também diversificar usando os ambientes existentes na escola, um pátio ou jardim já atende bem a essa função. Indo além Silva (1997) nos fala que a depender da potência da história e como ocorre sua contação o ambiente acaba por esquecido, “A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva.” (SILVA, 1997, p. 11).

Uma história bem contada, envolvente é capaz de transcender o lugar no qual os ouvintes se encontram, por um breve momento ele deixa de existir em seu formato habitual dando espaço para a criação do imaginário infantil.

Quanto a possíveis recursos utilizados, muitas vezes a escola não dispõe de materiais para sua fabricação, porém esta atividade pode contar com a participação das crianças, através de uma descrição narrada pela professora os alunos podem confeccionar com papel e lápis coloridos os personagens da história e seus cenários, este momento de integração da turma possibilita diversas formas de trabalho se incluído no planejamento pedagógico.

Outra questão dirigida às professoras foi: **Como incentiva seus alunos ao hábito de ler?**

Professora A: “Lendo para ele. Mostrando o encantamento que os livros nos trazem e oferecendo livros para levarem para casa”.

Professora B: “Gosto de separar alguns livros pra distribuir entre eles nas horas em que terminam as atividades, para que eles possam fazer a leitura de imagens. E também gosto de pedir para que eles tragam de casa algum livro que possa ser lido na sala”.

Professora C: “Lendo para eles e falando da importância da leitura”.

Professora D: “Sempre lendo e debatendo de forma dinâmica, enfatizando o prazer pela leitura. Os alunos levam na sexta feira um livro e na segunda devolve e faz o resumo da história que leu em casa oralmente”.

A professora B relata que disponibiliza livros diversificados para que seus alunos possam escolher e apreciar livremente ao final do horário e que também incentiva a partilha de histórias que os alunos costumam ler em suas casas.

A livre escolha permite a criança o fortalecimento de sua autonomia, como sujeitos os alunos possuem gostos próprios e devem poder expor suas preferências. Assim confirma Sorrenti (1995, p.20): “Daí a necessidade de apresentar ao aluno temas e autores variados, para que ele possa escolher aquele(s) que mais lhe agrada(m)”. Nem sempre a mesma história irá agradar a turma toda ou uma mesma temática despertará o interesse de todos os pequenos.

Quanto ao ponto de destinar o final do horário escolar como o mais utilizado para essa atividade é importante refletir sobre essa prática que se não programada dentro do cronograma escolar, reforça a ideia de que a atividade ocorre apenas como meio de preencher o tempo que “sobra” no planejamento da aula. Essa postura passa a impressão de falta de planejamento pedagógico para a atividade literária, levando a uma utilização equivocada da literatura.

As professoras A, C e D enfatizam que uma forma de incentivo é o exemplo. Quando se lê para uma criança automaticamente se está instigando nela o gosto pela leitura, ao ver um adulto lendo é despertado um sentimento de curiosidade e a sensação de provocação, um desejo de fazer parte deste mundo de fantasia.

Sorrenti (1995, p.20) afirma que “O gosto pela leitura é passado, pelo adulto, à criança”. Se a criança é exposta a um ambiente propício e estimulante ela tende a desenvolver interesses condizentes com o que vivencia.

É citado também pelas professoras A e D a prática de empréstimo de livros funcionando como um ciclo de leitura onde o educando pode escolher um exemplar para ler em sua casa. Essa prática permite que a criança compartilhe com seus familiares histórias diversas e proporciona ao ambiente doméstico o contato com a literatura que muitas vezes é escasso devido as condições sociais das famílias.

Neste ponto, porém é necessário realizar um adendo quanto à resposta sobre prática citada pela professora D, onde a mesma descreve que passado o tempo com o livro em sua casa a criança deve realizar um resumo oral da história lida.

Com essa postura, segundo Campos (2005, p. 135), “as obras literárias são consumidas como meio de desempenho escolar. Os alunos percebem que sua leitura só lhes servirá no interior da escola, não tendo nada a ver com suas vidas”. Assim sendo, a literatura passa por um processo no qual é retirado da mesma

todo o seu teor lúdico e prazeroso, recai sobre o livro a conotação de objeto para uso da tarefa de casa, quando na verdade deveria ser apenas um momento de diversão.

Sobre o planejamento da utilização da literatura perguntamos: **Qual a relação entre as histórias que escolhe para contar às crianças e os conteúdos trabalhados?**

Professora A: “As literaturas escolhidas sempre tem um objetivo social e pedagógicos sempre fazemos um elo aos objetos do conhecimento”.

Professora B: “Dependendo do tema da aula como por exemplo: higiene pessoal, podemos abordar um livro que se adeque aos bons hábitos de higiene, podemos escolher palavras geradoras pra trabalhar as letras, sílabas. Enfim, a partir do livro planejamos uma sequência didática com os objetivos a serem alcançados”.

Professora C: “Contribuição na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo, a aprendizagem e o desempenho”.

Professora D: “Livros com leituras e palavras adequadas pra a idade e nível de aprendizado da turma. Também que a história se adeque ao conteúdo que quero trabalhar”.

Em sua resposta a professora A informa que busca histórias para compor seu planejamento levando em conta o sentido social e pedagógico que a mesma passa realizando uma relação com os objetos de conhecimentos.

A professora B revela que essa relação ocorre segundo o tema da aula. A educadora informa que definido o tema a ser trabalhado começa a busca por um livro que trate o mesmo e só então tomando por base uma análise do livro escolhido (observando suas características) é realizado o planejamento da sequência didática que visando alcançar alguns objetivos traçados.

Já, a professora C expõe que sua escolha é pautada na possível contribuição do livro para a formação da personalidade da criança e que contenha aspectos sociais e afetivos, completa ainda citando a colaboração para a aprendizagem da turma e seu desempenho.

Por sua vez, a professora D apenas repetiu a resposta dada anteriormente na questão três.

Essas respostas demonstram que a participação da literatura nos planejamentos realizados pelas professoras ocorre com uma finalidade bem

definida visando introduzir e/ou trabalhar temas e conteúdos específicos utilizando a literatura apenas como meio para atingir um objetivo.

Não é indicado nenhum tipo de planejamento ou trabalho que tenha como foco a livre apreciação da literatura pelas crianças ou práticas que provoquem a leitura deleite em suas turmas.

Sobre a existência de ambiente de leitura, perguntamos: **Na sua escola há algum lugar destinado à leitura?**

Professora A: “Sim. Tem a biblioteca onde as crianças pegam livros emprestados”.

Professora B: “Sim, a biblioteca”.

Professora C: “Sim”.

Professora D: “Sim, tem a sala de leitura”.

A biblioteca foi o ambiente lembrado pelas professoras A e B, sem maiores detalhes ou descrições, apenas foi mencionado pela professora A, que a prática de empréstimos de livros que tende a ocorrer neste ambiente. A resposta indica a sensação de que não há maiores atrativos ou espaços cativantes dentro da biblioteca.

O ambiente lembrado pela professora D foi a sala de leitura, já mencionada anteriormente em seus relatos, ficando subtendida a inexistência de uma biblioteca ou a utilização da mesma apenas como uma espécie de depósito para os livros e não como ambiente de leitura.

Coelho (2000, p.16) defende que o ambiente destinado a leitura deve “... permitir ao ser-em-formação chegar ao seu *auto-conhecimento* e a *ter acesso ao mundo da cultura*, que caracteriza a Sociedade a que ele pertence.”. Logo não deve ser apenas um mero depósito de livros sem atrativos. O lugar deve estimular quem o frequenta bombardeá-lo muitas e novas informações, situações e sensações e não deve podar a criança de expressar seus sentimentos sejam eles positivos ou suas frustrações. O mundo da leitura é o lugar onde tudo é possível.

Outro aspecto questionado foi: **Como você descreveria a reação das crianças ao ouvir histórias?**

Professora A: “Encantadora”.

Professora B: “Elas inicialmente se mostram bem curiosas e motivadas, principalmente se saem do ambiente da sala de aula”.

Professora C: “Encantadas, interessadas...”.

Professora D: “Ficam concentradas e viajando na história. Expressam as emoções de acordo com a história, riem, fazem cara feia e etc. Depois falam sua opinião”.

As professoras A e C definem que ao ouvir histórias suas crianças ficam encantadas.

Já a professora B define que seus alunos demonstram curiosidade e motivação pelo que é ouvido, sobretudo quando a contação ocorre em ambientes diferentes da sala de aula.

Por sua vez, a professora D relata que em sua classe as crianças demonstram maior concentração e que costumam “viajar” na história contada, completa ainda que as mesmas manifestam os sentimentos despertados pela história e expõem suas opiniões sobre o que é ouvido.

Por mais que as reações esboçadas pelas crianças pareçam às mesmas, cada indivíduo estabelece uma relação única entre si e a história ouvida/lida de acordo com suas vivências anteriores. Machado considera que:

Todo leitor descobre um jeito diferente de conviver com os personagens a que se afeiçoa. Esse jeito é uma espécie de outro livro, que ele vai escrevendo em sua cabeça enquanto lê o que o autor escreveu. Daí nasce um convívio íntimo, que dura para sempre. Essa é a mágica e o grande mistério da leitura, um grande barato, um prazer imenso que nenhuma outra atividade pode dar. (MACHADO, 2009, p. 140)

Enquanto ouve uma narrativa a criança constrói em si novas histórias exercitando sua criatividade misturando a realidade em que vive com o que é produzido em sua imaginação. Depois de estabelecida, essa conexão desperta no indivíduo um sentimento de prazer e satisfação que o acompanha durante toda a sua trajetória de vida, daí a importância de sempre disponibilizar as crianças muitas e variadas histórias.

Foram indagados acerca de: **Como você se vê como leitora? Você se considera leitora? Por quê?**

Professora A: “Não. Pois, tenho muita dificuldade de administrar o tempo para sempre ter um livro de cabeceira. Sempre leio o que tem que ser lido para minha profissão”.

Professora B: “Gostaria de dedicar mais tempo a leitura de temas um pouco aleatórios, mas fico muito presa aos temas pedagógicos buscando me atualizar e estudar formas de viabilizar os processos de aprendizagem dos meus alunos”.

Professora C: “Me vejo uma boa leitora. Me considero leitora, pois é importante ler mais e mais para continuar com o desenvolvimento e atualizado no cotidiano”.

Professora D: “Me considero uma leitora assídua. Gosto de ler e sempre me atualizar”.

A falta de tempo é citada pelas professoras A e B como principal motivo de não conseguirem apreciar com maior frequência livros destinados ao seu prazer. Essas profissionais sentem-se presas a cumprir uma espécie de necessidade de aprimoramento de suas habilidades pedagógicas e acabam por direcionar seu tempo de leitura ao estudo de temas pedagógicos e por isso não se consideram leitoras.

Refletindo sobre o perfil de sujeito leitor construído por essas professoras onde a leitura “por obrigação” possui maior prioridade em suas definições de tempo, é improvável que as mesmas nutram em seus alunos a paixão existente na leitura deleite.

Já as professoras C e D consideram-se leitoras por cultivarem um hábito de leitura, porém apenas textos com finalidades informativas. Este tipo de leitura possui sim o seu valor, porém nada é capaz de substituir um bom texto literário que permite viajar sem sair do lugar e expande o olhar do indivíduo acerca de temas diversos.

A busca contínua por aprimorar os conhecimentos profissionais é muito importante em qualquer profissão, na área da educação não é diferente se faz necessário permanecer em constante desenvolvimento aprendendo técnicas novas e aperfeiçoando as já existentes.

Conforme Hargreaves (2002, p.115) “Uma inovação bem sucedida implica mais do que aperfeiçoar habilidades técnicas. Ela também estimula a capacidade de compreensão dos professores em relação às mudanças que estão enfrentando”.

Desse modo uma formação continuada de qualidade age como fator influenciador, estimulando o professor a desenvolver suas potencialidades

questionando sua prática pedagógica e ativando a criatividade para ampliar o olhar.

Porém, mesmo reconhecendo que a busca constante pelo aprimoramento da prática pedagógica é sim importante e colabora de forma positiva para o trabalho do professor não podemos deixar de questionar, se o professor não possui em si o hábito da leitura deleite como ele irá despertar em seu alunado este sentimento?

Sorrenti (1995, p. 20) confirma “O gosto pela leitura é passado, pelo adulto, à criança. Se ele não o tem, como vai passá-lo? A sinceridade é básica. Não se elogia um texto da "boca pra fora". Soa falso e o aluno percebe”. Quando não se cultiva em si o prazer sentido em uma boa leitura é difícil passar às crianças as sensações despertadas pela história, a contação acaba por se tornar vaga e mecânica.

É verdade que o tempo de fato, por vezes, não colabora para que o profissional da educação básica consiga se dividir entre suas reponsabilidades pessoais, trabalho, estudar para se atualizar e ler para entreter a mente. Entretanto, ainda assim é preciso lembrar o quão importante é o ato de ler por ler, não só por tornar os momentos de leitura da aula mais cativantes, mas por proporcionar ao indivíduo um momento único de encantamento.

Ainda sobre essa temática perguntamos: **Que livros você gosta de ler?** As respostas foram:

Professora A: “Infantis e comédia”.

Professora B: “Voltados a técnicas de alfabetizar”.

Professora C: “Quando não estou com os livros didáticos, gosto de ler os de romance”.

Professora D: “Literatura infantil, romance, livros de conteúdos didáticos e informações do meu interesse de Professora e cidadã”.

A professora A menciona gostar de leituras literárias. Resgatando sua reposta anterior, quando perguntada sobre sua percepção de si como leitora a mesma se percebeu como não leitora embora afirme que costuma realizar leituras voltadas ao aprimoramento do seu fazer pedagógico. A observação das duas respostas informa que essa professora realiza leituras de fato com caráter de

obrigatoriedade visando apenas seu crescimento profissional, não o deleite já que este tipo de livro não é contemplado em sua resposta.

A resposta da professora B frisa que prefere livros “voltados a técnicas de alfabetizar”. Embora tenha afirmado anteriormente possuir vontade de se aventurar em áreas que se desprendem do desenvolvimento e manutenção de habilidades, estes livros não são citados por ela em sua resposta para demonstrar prazer obtido em suas experiências de leitura.

A resposta da professora B suscita um questionamento, uma vez que a alfabetização não é uma técnica, mas um processo longo de construção do conhecimento. Preferir livros com técnicas de alfabetizar demonstra um desconhecimento desse processo, o que implica em não utilizar a literatura infantil para encantar as crianças dos anos iniciais.

Já a professora C respondeu que gosta de ler livros didáticos e de romance, indicando que apesar de reconhecer que reserva mais tempo para os livros didáticos também destina momentos para a leitura deleite. Convém frisar que os livros didáticos não caracterizam uma leitura prazerosa, ele é um dos muitos recursos de trabalho que o professor pode utilizar, transparecendo que dedica seu tempo ao estudo de livros que utiliza para dar aula.

Embora em sua resposta anterior a professora D tenha apontado apenas gostar de ler para se atualizar, quando questionada sobre os tipos de livros dos quais de fato gosta, a mesma declarou gostar de livros literários e informativos. Fortalece a impressão de que, mesmo tendo como prioridade leituras informativas estas não ocupam totalmente suas prioridades de leitura, indicando que busca o seu desenvolvimento profissional sem esquecer-se do prazer da presente em leituras literárias.

Por fim, perguntamos: **De que forma a sua escola apoia o trabalho com a literatura infantil?**

Professora A: “A disponibilidade da biblioteca, pois a escola se preocupa em deixá-la agradável”.

Professora B: “Incentivando projetos de leitura”.

Professora C: “Com projetos de leitura”.

Professora D: “Realiza projetos de leitura, organiza os dias para levar os alunos na sala de leitura e estimula a contação de histórias durante as aulas”.

De acordo com a professora A, a ação de incentivo por parte da escola para com a literatura é a existência da biblioteca. Cita ainda que há o cuidado em transformar o ambiente de modo que este se torne agradável. Sobre essa preocupação cabe o questionamento se biblioteca não deveria ser sedutora por si só? Ou essas práticas de cuidado ocorrem apenas de modo a manter o que já existe?

Soares (2011) descreve a biblioteca como uma instância de escolarização da literatura ocorrendo por estratégias previamente pensadas, “A primeira estratégia é o próprio estabelecimento de um local escolar de guarda e de acesso à literatura, um local escolar a que se atribui um estatuto simbólico que constrói uma certa relação escolar com o livro,” (SOARES, 2011, p. 7). Cabe ao professor enquanto reconhece essa realidade escolarizada agir de modo a não fortalece-la prendendo-se apenas aos moldes já existentes e impondo as crianças o padrão comportamental esperado no espaço da biblioteca.

As professoras B, C e D descrevem a utilização de projetos como forma de incentivo a leitura. A pedagogia de projetos acontece por meio da experiência direta do aluno com o objeto pesquisado partindo do que ele já sabe, passando por suas curiosidades e por fim chegando ao que descobriu no processo. Segundo Nogueira:

Os projetos temáticos são ferramentas que possibilitam uma melhor forma de trabalhar os velhos conteúdos de maneira mais atraente e interessante, e ainda focada no aluno, percebendo individualmente as diferentes formas de aprender, os diferentes níveis de interesse, assim como as dificuldades e as potencialidades de cada um. (NOGUEIRA, 2007, p. 80)

Trabalhar a partir de projetos permite ao professor um olhar mais atento para cada criança de modo individual, observando seus interesses, suas formas de interação e seu processo de aprendizado. A utilização de projetos para o trabalho com leituras literárias permite uma infinidade de possibilidades ao professor. A escolha do livro pode partir da turma dentre as opções de livros disponíveis, pode surgir de uma curiosidade das crianças identificada pela professora que munida dessa informação pode sugerir uma história que trate da temática em questão de forma lúdica.

Com o livro escolhido é possível trabalhar diversos temas analisando seus aspectos separadamente abrindo para a discussão coletiva da turma, porém para que a qualidade lúdica da história e seu aspecto prazeroso não sejam esquecidos se faz necessário muita atenção por parte do professor que conduz a vivência.

Por fim, a professora D cita a realização de uma espécie de revezamento para a utilização da sala de leitura já mencionada anteriormente em suas respostas. Essa prática sugere que a utilização deste espaço ocorre de forma previamente planejada, possibilitando que a professora elabore atividades impulsionadoras de uma leitura muito mais prazerosa.

A professora finaliza referindo-se ao encorajamento por parte da escola referente à contação de histórias em sala de aula. Assim como é importante diversificar o ambiente onde ocorre a contação é de igual importância que esta ocorra também dentro da sala de aula de modo a confirmar que não há um lugar único onde se possa apreciar a literatura, o livro pode sempre estar presente no dia a dia em diferentes momentos e lugares.

Refletindo sobre as respostas obtidas entende-se que as professoras participantes da pesquisa compreendem o quão importante é para as crianças o contato com o mundo literário, reconhecendo que através da ludicidade presente nas histórias os alunos aprendem e se desenvolvem social, cognitiva e emocionalmente. Entretanto foi possível observar também que as profissionais acabam por utilizar a literatura em seus planejamentos de forma secundária moldando-as aos temas já determinados impossibilitando assim, por exemplo, a formulação de um projeto de leitura que parta da livre escolha da criança e a exploração do livro com todas as possibilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gosto pela leitura precisa ser cultivado desde a primeira infância, passando pelo ambiente familiar e se estendendo à escola, mantendo o constante estímulo a leituras literárias. Estas tendem a tornar-se um hábito que acompanha o indivíduo durante toda a sua trajetória de vida. Quanto mais a criança é exposta ao mundo mágico dos livros mais sua mente é provocada e instigada a desenvolver sua personalidade, criatividade, vocabulário e a própria leitura.

Sabendo que muitas famílias não dispõem de poder aquisitivo que possibilite a oferta de livros a suas crianças ainda no seio familiar, recai sobre a escola a responsabilidade de proporcionar momentos impulsionadores de leitura deleite por meio da oferta de livros variados e, sobre o professor conduzir tais momentos fomentando nas crianças o prazer encontrado na leitura.

Assim, se faz necessário compreender que a atividade literária requer planejamento e constância, não deve e não pode ser vazia, um ato sem sentido e sem significado. Ela precisa proporcionar ao ser em formação minutos de divertimento e suas infinitas possibilidades.

No que diz respeito ao objetivo principal deste trabalho foi possível compreender através das respostas obtidas que a maioria das professoras participantes da pesquisa demonstra em suas respostas compreender bem os benefícios da utilização da literatura em seu dia a dia para as crianças; seus relatos expressam o reconhecimento da literatura como meio de desenvolver e aguçar em seus alunos sua criatividade, o imaginário, a oralidade, o vocabulário, o senso crítico, a personalidade e ajuda no desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança.

Essas professoras buscam incluir a contação de histórias em seus planejamentos escolhendo livros que julgam relevantes e que possam colaborar positivamente com o tema a ser estudado, elas utilizam a própria voz como maior recurso no momento da contação para seus alunos, entretanto também utilizam de outros recursos como dedoches, fantoches, palitoques e buscam diversificar o ambiente no qual ocorre a contação a fim de proporcionar sensações diferentes nos ouvintes.

A escolha desses livros tende a atender alguns critérios, livros bem ilustrados com narrativas engraçadas e que façam parte do cotidiano das crianças, essas profissionais costumam realizar rodas de leitura, o trabalho do reconto pelas crianças e a representação das histórias através de desenhos.

Algumas profissionais não se consideraram leitoras, não praticam uma rotina de leitura com finalidade prazerosa em suas vidas pessoais. Essa percepção de si das professoras como sujeito não leitor possibilitou a reflexão sobre como essa condição das professoras acaba influenciando sua prática pedagógica em sala de aula. Quem não acredita no prazer obtido pela leitura literária ou não a coloca como uma prioridade pessoal dificilmente conseguirá despertar em terceiros a importância da leitura deleite.

No que se refere à escola e seu papel como facilitadora de momentos impulsionadores da leitura deleite, foi possível constatar através das respostas obtidas que a escola oferece basicamente o espaço da biblioteca como ambiente de leitura enquanto encoraja a realização de projetos de leitura, porém sua ação poderia ir além, ofertando às professoras recursos diferenciados, formação continuada voltada a contação de histórias e programas e eventos que valorizem a literatura e suas inúmeras possibilidades.

Concluimos então que ações que envolvem a literatura não dependem unicamente nem da escola nem do profissional que está à frente da sala, trata-se de um trabalho realizado em conjunto. Por parte da escola, a mesma deve possibilitar aos professores momentos de estudo voltados à compreensão da literatura em sua totalidade e oficinas que proporcionem o domínio de técnicas de contação de histórias contribuindo para o aprimoramento de competências já existentes no profissional. Quanto ao professor recai a tarefa de ofertar as crianças histórias variadas de forma lúdica possibilitando aos alunos interação direta com os livros e suas narrativas, validando suas próprias criações como recursos para a contação e viabilizando as crianças situações que fomentam a leitura deleite.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo-SP: Scipione 2008.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Brasil: Martin Claret, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70,1977

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CAMPOS, M. I. B. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'água, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. História teoria e análise. 7ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & Linguagem: A obra literária e a expressão linguística**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1980.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRO, Emília; PALACIO, Margarita Gomes: **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1990.

HARGREAVES, A. **Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LITERATURA. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. João Pessoa:

7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/literatura/>>. Acesso em: 07/04/2021.

MACHADO, Ana Maria. **Amigos secretos**. São Paulo: Abril, 2009.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. 7ª ed. São Paulo: Érica, 2007

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias uma arte sem idade**. 7º ed. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2. Ed. Goiânia, GO: Cânone Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SORRENTI, Neusa. **A hora e a vez da literatura**: Revista presença pedagógica. Belo Horizonte: Ed. Dimensão, 1995.

APÊNDICES**APÊNDICE A – Questionário****QUESTIONÁRIO****IDENTIFICAÇÃO**

Grau de instrução _____

Ano escolar em que atua na escola _____

Tempo que atua nos Anos Iniciais _____

SOBRE A LITERATURA INFANTIL

1. Qual a importância da literatura infantil para as crianças?

2. De que modo você utiliza a literatura infantil em suas aulas?

3. Que critérios você utiliza para escolher livros para contar histórias para as crianças?

4. Como você costuma contar histórias?

5. Como incentiva seus alunos ao hábito de ler?

6. Qual a relação entre as histórias que escolhe para contar às crianças e os conteúdos trabalhados?

7. Na sua escola há algum lugar destinado à leitura? Qual?

8. Como você descreveria a reação das crianças ao ouvir histórias?

9. Como você se vê como leitora? Você se considera leitora? Por quê?

10. Que livros você gosta de ler?

11. De que forma a sua escola apoia o trabalho com a literatura infantil?

APÊNDICE A – Termo De Consentimento Livre E Esclarecido
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em responder questionário e participar na pesquisa de campo de um Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia/UFPB, referente ao projeto de pesquisa intitulado: A Literatura Infantil em sala de aula nos anos iniciais, desenvolvido pela pesquisadora **Mércia de Oliveira Vitorino**, a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (83) 98810-9652 ou e-mail mercia.mmo@hotmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca analisar a compreensão das professoras acerca da literatura infantil.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de instrumento de coleta de dados, nesse caso, um questionário elaborado pela pesquisadora. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela pesquisadora. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

_____, ____/____/2021.

Assinatura do (a) participante:
